

# SYLVANUS OLYMPIO

## UM DESCENDENTE DE AFRO-BRASILEIRO E PRIMEIRO PRESIDENTE DO TOGO

Alcione Meira Amos  


Historiadora e Pesquisadora Independente

O objetivo deste artigo é fornecer uma introdução à história da família Olympio na África Ocidental, examinar a vida profissional e política de Sylvanus Olympio, que o levou a uma posição de liderança no Togo quando este era uma colônia francesa, e a presidência do país quando se tornou independente, culminando com seu assassinato em 13 de janeiro de 1963.

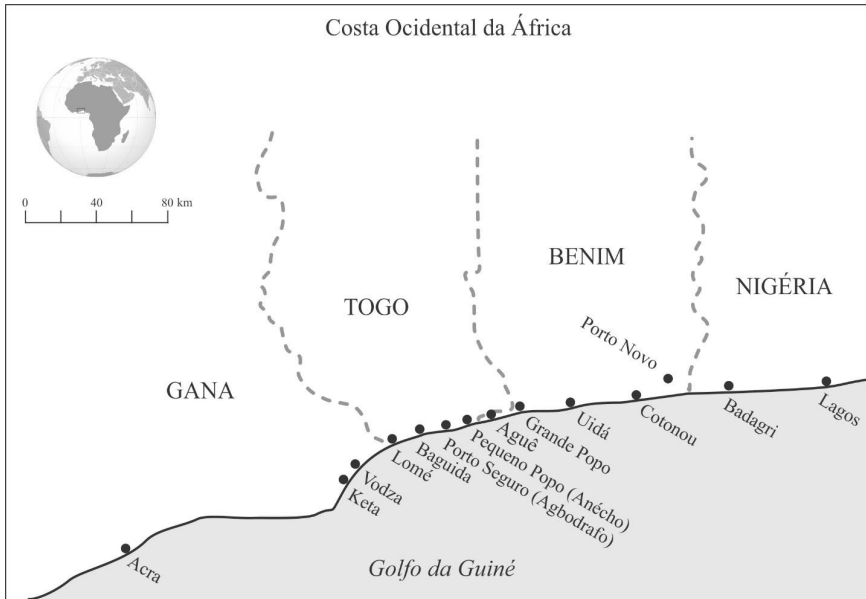
Até onde o autor sabe, não há biografias de Sylvanus Olympio publicadas em português, embora existam excelentes biografias em francês, algumas das quais utilizadas neste texto. Milton Guran também estuda a história da família Olympio na sua obra. Além disso, a autora deste artigo já publicou previamente sobre a história da família Olympio.<sup>1</sup>

Considera-se também importante que este artigo seja uma contribuição original, pois estuda a vida política e profissional de um descendente de retornado afro-brasileiro à África Ocidental no contexto da independência de um país africano no início da década de 1960.

---

1 Têtêvi Godwin Tété-Adjalo, *Sylvanus Olympio: père de la nation togolais*, Paris: L'Harmattan, 2008; Zeus Komi Aziadouvo, *Sylvanus Olympio: panafricaniste et pionnier de la CEDEAO*, Paris: L'Harmattan, 2013; Têtêvi Godwin Tété-Adjalo, *Histoire du Togo: le régime et l'assassinat de Sylvanus Olympio, 1960-1963*, Créteil: NM7 Éditions, 2002; Atsutsé Kokouvi-Agbobli, *Sylvanus Olympio, un destin tragique*, Abidjan: Livre Sud, NEA, 1992; Milton Guran, *Agudás: os "brasileiros" do Benim*, (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999), pp. 57-68; Alcione Meira Amos, "Afro brasileiros no Togo: A história da família Olympio, 1882-1945", *Afro-Ásia*, 23 (2000), pp. 173-194, ; Alcione Meira Amos, "Afro-brasileiros no Togo: A história da família Olympio" in Alcione Meira Amos, *Os Que Voltaram: A história dos retornados afro-brasileiros na África Ocidental no século XIX* (Belo Horizonte, Tradição Planalto, 2007), pp. 127-147.

**Mapa 1: Costa Ocidental da África**



Fonte: Mapa adaptado de Alcione Meira Amos, *Os que voltaram: A história dos retornados afro-brasileiros na África Ocidental no século XIX*, Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2007, p. 18

## A FAMÍLIA OLYMPIO NA ÁFRICA OCIDENTAL

Para situar esta narrativa sobre Sylvanus Olympio, iniciaremos com a história da família Olympio na África após a ida de seu avô paterno para lá como parte da imigração afro-brasileira no século XIX.<sup>2</sup> Sylvanus Kwami Epiphany Olympio, nascido a 6 de setembro de 1902, em Kpandu,

2 A história dos retornados afro-brasileiros para a África no século XIX foi abordada por Alcione Meira Amos, *Os Que voltaram: A história dos retornados afro-brasileiros na África Ocidental no século XIX*, Belo Horizonte, Tradição Planalto, 2007 e, mais recentemente por Carlos Fonseca, *Os retornados: a história dos ex-escravizados que deixaram o Brasil e formaram comunidades afro-brasileiras no Golfo Do Benim*, Rio de Janeiro, Record, 2024.

uma cidade localizada no Togo, colônia alemã à época de seu nascimento, que foi transferida para Costa do Ouro (mais tarde Gana), uma colônia inglesa, era membro de uma família afro-brasileira e descendente de um retornado da Bahia. Sylvanus era o mais velho dos trinta filhos de Epiphanio Olympio, que na época trabalhava em Kpandu para a empresa comercial inglesa *Miller Brothers*. Sua mãe, Fidélia Afê, nascida por volta de 1862 e falecida em 1967, fazia parte do grupo étnico Mamprusi, habitantes no norte do Togo e também em Gana, e foi escravizada pela família Olympio. Segundo a tradição, sua beleza conquistou Epiphanio, que a tomou como consorte.<sup>3</sup>

O seu avô paterno era Francisco Olympio da Silva, o fundador da família na África, que teria nascido em Salvador, Bahia, em 24 de julho de 1833. De acordo com as tradições familiares, ele era filho de um pai de origem portuguesa e uma mãe de origem africana e ameríndia, portanto, uma “cabocla”. Ele nasceu apenas dois anos antes da Revolta dos Malês, que abalou Salvador em 25 de janeiro de 1835. No limiar da idade adulta, Francisco, que nunca havia sido escravizado, de acordo com as tradições familiares ainda preservadas no Togo no final do século XX, foi para a África em 1850, aos 17 anos, a bordo de um dos navios negreiros pertencentes à rica e influente família Cerqueira Lima, importante traficante de pessoas escravizadas. Francisco foi primeiro para Vodza, um antigo centro do comércio de escravos localizado a meia hora de Keta, na atual Gana. Lá, ele se juntou a Cesar Cerqueira Lima em seu negócio de tráfico negreiro. A tradição familiar identifica Cerqueira Lima como seu tio, cujo apelido era Anjou. Cerqueira Lima era um rico traficante de escravos em Vodza. Ele faleceu em dezembro de 1862.<sup>4</sup>

---

3 Frederick J. Pedler, *The Lion and the Unicorn in Africa*, London: Heineman, 1974, p. 108; Tété-Adjalogo, *Sylvanus Olympio*, pp. 22-23; Aziadouvo, *Sylvanus Olympio*, 15. Outra autora afirma que o nome da mãe de Sylvanus era Elizabeth Agareri. Ver: Simone de Souza, *La famille De Souza du Bénin-Togo*, Cotonou: Les éditions du Bénin, 1992, p. 271.

4 “Histoire de l’aïeul Francisco Silva Olympio”, manuscrito não publicado, cópia disponível no acervo particular da autora, doravante citado como “Histoire de l’aïeul”; Robert Cornevin, *Le Togo: nation pilote*, Paris: Nouvelles Éditions Latines, 1963,

**Figura 1: Vestígios do posto de comércio de escravos em Vodza, perto de Keta, hoje em Gana. Fotografia tirada por volta de 1907**



Francisco Olympio se juntou a Cesar Cerqueira Lima em Vodza para negociar pessoas escravizadas durante a década de 1850.

Fonte: C. Spiess, “Ein Erinnerungsblatt an die Tage des Sklavenhandels in Westafrika”, *Globus* 92 (outubro de 1907).

Na década e meia seguinte, Francisco esteve envolvido no tráfico de pessoas escravizadas em vários locais ao longo da costa, perto de Keta, até se estabelecer em Porto Seguro (hoje Agbodrafo), no atual Togo, onde ele abriu uma casa de comércio e continuou suas atividades de traficante. É possível que Francisco se mudou para Porto Seguro logo após a morte

---

p. 196, p. 110; Robert Cornevin, *Le Togo: des origines à nos jours*, Paris: Académie des sciences d’outre-mer, 1987, p. 148. Um descendente de Cerqueira Lima identificou que ele era irmão da mãe de Francisco Olympio. Esta afirmação parece confirmar a história oral da família, conforme Pedler, *The Lion and the Unicorn in Africa*, pp. 108-109; Cornevin, *Le Togo: nation pilote*, p. 110; Cornevin, *Le Togo: des origines à nos jours*, p. 148; De Souza, *La famille De Souza du Bénin-Togo*, p. 296; Carta de Lucien Bebi Olympio para a autora, em 3 de maio de 1996, doravante citada como “Carta de Bebi Olympio, 3 de maio de 1996”. Sobre Cesar Cerqueira Lima ver W. Walton Claridge. *A History of the Gold Coast and Ashanti*, London: John Murray, 1915, v. 1, p. 548. Sobre a família Cerqueira Lima na Bahia, ver: Pierre Verger, *Bahia and the West Africa Trade, 1549-1851*, Ibadan: Ibadan University Press for the Institute of African Studies, 1964, p. 35. Sobre a Revolta dos Malês, ver João José Reis, *Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês em 1835* (ed. rev.), São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

de Cerqueira Lima, pois o padre Francesco Borghero, missionário católico francês da *Société de missions africaines à Lyon* (Sociedade de Missões Africanas em Lyon), visitou o estabelecimento de Francisco em Porto Seguro, em 1863. Ele comentou que o local era perfeito para servir como ponto de embarque de pessoas escravizadas. Em 1864, Francisco ainda operava em Porto Seguro, e seu nome aparece em uma lista dos poucos comerciantes de escravos importantes remanescentes na área. Um incêndio acidental destruiu sua residência e, nos anos seguintes, seu comércio faliu. Ele se mudou logo depois para Agoué (hoje no Benin).<sup>5</sup>

Quando Francisco Olympio chegou em Agoué, a cidade ostentava uma comunidade afro-brasileira considerável. O principal negócio de Agoué era, já há várias décadas, o comércio de pessoas escravizadas. Dada a repressão britânica ao comércio humano, que começou na década de 1830, já na década de 1850 os afro-brasileiros que anteriormente estavam envolvidos lucrativamente nessa atividade nefanda foram estimulados a mudar para o comércio legítimo. Francisco Olympio recebeu uma concessão de terras de Kumi Aguidi, líder de Agoué, pelos serviços prestados à comunidade durante seus conflitos com Pequeno-Popo (hoje Aného, no Togo), os quais duraram de 1860 a 1866. Ele então estabeleceu uma casa comercial e, a partir daí, Agoué se tornou a sede da família Olympio na África. Ele ficou extremamente rico e a família Olympio passou a ser parte dos altos escalões das sociedades africanas onde seus membros se estabeleceram. A primeira *maison familiale* (a casa principal da família) de Olympio em Agoué estava de pé até 1988, embora em estado deplorável de conservação. A casa foi demolida naquele ano e uma nova edificação foi construída no mesmo terreno.<sup>6</sup>

---

5 “Histoire de l’aïeul”; Francesco Borghero, *Journal de Francesco Borghero, premier missionnaire du Dahomey (1861-1865): sa vie, son journal (1860-1864), la relation de 1863*, Renzo Mandirola & Yves Morel (ed.), Paris: Karthala, 1997, pp. 124-125; Richard F. Burton, *A Mission to Gelele, King of Dahome*, New York: Praeger, 1996, p. 65.

6 Para a história do declínio do tráfico de pessoas escravizadas para a Bahia, ver: Pierre Verger, *Fluxo e Refluxo: Do tráfico de escravos entre o golfo de Benim e a Bahia de Todos-os-Santos, do século XVII ao XIX*, São Paulo: Companhia das Letras, 2021, pp. 413-469. Para a história dos afro-brasileiros em Agoué, ver Isidore Pélofy, *Histoire*

**Figura 2: Francisco Olympio com sua neta Ambrosina, filha de Leontina Olympio e Júlio de Medeiros, em 1905**



Na década de 1860, Olympio estabeleceu sua família em Agoué, no atual Benin, onde recebeu terras de Kumi Aguidi, um dos chefes locais. Fonte: Cortesia de Lucien (Bebi) Olympio.

---

*d'Agoué (République du Bénin) par le Révérend Père Isidore Pélofy*, Regina Byll-Cataria (ed.), Leipzig: University of Leipzig Papers on Africa, 2002, e Luis Nicolau Parés. *Joaquim de Almeida: A história do africano traficando que se tornou traficante de africanos*, São Paulo: Companhia das Letras, 2023. As informações sobre a concessão de terras vêm de um documento não publicado, sem título, datado de 27 [ou 29] de julho de 1870, que explica como Francisco Olympio obteve suas terras por serviços prestados durante as guerras entre Agoué e Pequeno-Popo, cuja cópia se encontra no acervo particular da autora. As duas cidades estiveram em conflito constante entre 1860 e 1866. Para mais detalhes, ver Silke Strickrodt, *Afro-European Trade in the Atlantic World: The Western Slave Coast, c1550-c1885*, Woodbridge: James Currey, 2015, pp. 184-194; Guran, *Agudás*, p. 61.

Quando Francisco se estabeleceu em Agoué, ele já havia abandonado o sobrenome Silva, possivelmente porque o lembrava de sua época como traficante de escravos ou como homem livre de cor perseguido no Brasil. Outra versão da história é que ele teve que mudar seu nome porque um de seus navios havia sido capturado pelos britânicos, e essa foi a forma encontrada por ele para escapar de perseguição posterior. A última explicação parece ser a verdadeira e, de certo modo, foi confirmada, embora indiretamente, pelo filho de Francisco, Epiphanio Olympio. Em uma entrevista em maio de 1958, Epiphanio declarou que o pai havia deixado de usar o sobrenome da Silva “por motivos de ordem comercial”.

Francisco Olympio também adotou, de todo o coração, o costume local da poligamia e constituiu uma enorme família, com sete mulheres diferentes. Com o tempo, ele seria pai de pelo menos 21 filhos. O primeiro foi uma menina chamada Agnes, nascida no início da década de 1850. O último filho foi um menino chamado Francinquihoun, nascido em 1886. Seu nome é a grafia fonética de Francisquinho. A maioria de seus filhos tinha nomes brasileiros.<sup>7</sup>

Devemos também mencionar a avó paterna de Sylvanus, Constância *Tàlàbi* Pereira dos Santos, que deu a Francisco Olympio oito filhos. *Tàlàbi* é o nome iorubá dado a uma criança que nasce com o cordão umbilical jogado sobre um ombro e enrolado na cintura. Nascida em 12 de dezembro de 1843, Constância era filha de Antonio Pereira dos Santos. Segundo sua história oral familiar, Antonio era muçulmano (seu nome muçulmano era *Yacouba*). Ele havia chegado a Agoué em 1836, junto com sua então esposa Anna de Christo, vindo da Bahia, como parte de um grande grupo de imigrantes em fuga da perseguição anti-africana que se seguiu à Revolta dos Malês. A mãe de Constância e bisavó de Sylvanus, *Iyá* (mãe em iorubá) Francisca Pereira

---

7 Pierre Verger, “O primeiro-ministro do Togo, Sylvanius [sic] Olympio, é neto de brasileiro” in Angela Lühning (org.), *Pierre Verger, repórter fotográfico* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004), p. 128. Para a história da família, a autora deste artigo utilizou as seguintes fontes: Carta de Bebi Olympio, 3 maio 1996; “Histoire de l’aïeul”; “Ascendants-descendants-collatéraux de feu Octaviano Olympio”, manuscrito não publicado cuja cópia se encontra no acervo particular da autora, doravante citado como “Ascendants-descendants-collatéraux”.

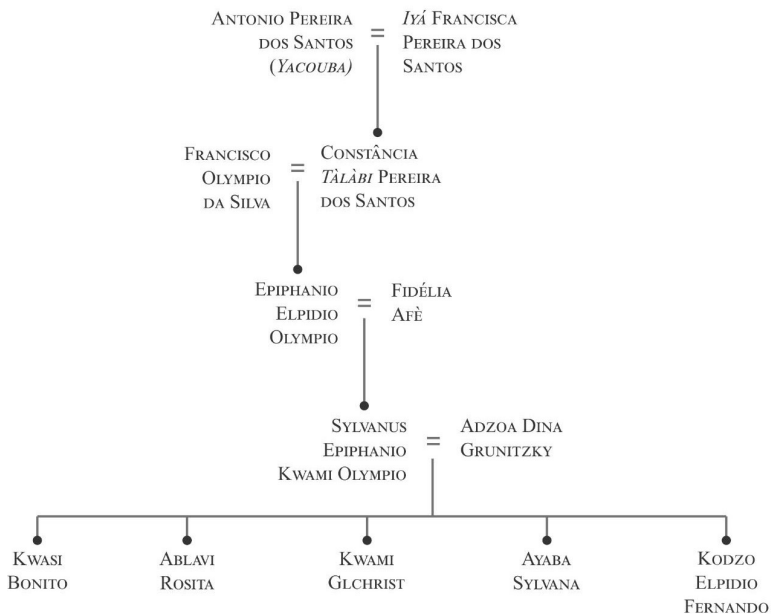
dos Santos, foi capturada em Abeokuta e acabou escravizada por Antonio em Agoué. Seu nome iorubá era *Modúpé* (que significa “eu agradeço”).<sup>8</sup>

*Iyá* Francisca foi assimilada à comunidade afro-brasileira e fundou em Agoué seu próprio bairro, chamado *Iyákomé*.<sup>9</sup> Ela ficou muito rica no comércio humano, além de ter retido alguns dos iorubás escravizados trazidos para Agoué para serem vendidos para o exterior, os quais usou para cultivar terras que obteve em um local chamado Morro do Abutre, onde plantavam inhame, mandioca e milho para fabricar fubá. Após a morte de seu primeiro marido, por volta de 1860, Francisca se casou com outro retornado afro-brasileiro, Manuel Francisco dos Reis, com quem teve uma filha, chamada Florentina, em 1861. *Iyá* Francisca morreu em 1899. A celebração de seus rituais funerários durou vários meses. Aqueles que visitaram a família para oferecer suas condolências receberam grandes quantidades de comida, bebida e presentes de cachimbos e tabaco, numa demonstração da riqueza da família.<sup>10</sup>

- 
- 8 Adeboye Babalola e Olugboyega Alaba, *A Dictionary of Yoruba Personal Names*, Lagos: West African Book Publishers Limited, 2003, p. 840. Para a migração de Antonio Pereira dos Santos da Bahia para a África, em 1836, ver Lisa Earl Castillo, “The Exodus of 1835: Agudá Life Stories and Social Networks,” in Abi Alabo Derefaka et al. (ed.), *The Vile Trade: Slavery and the Slave Trade in Africa*, (Durham: Carolina Academic Press, 2015), pp. 211-223; para a história oral da família, a autora usou as seguintes fontes: Carta de Bebi Olympio, 3 de maio de 1996; “Histoire de l’aieul”; “Ascendants-descendants-collatéraux”, que lista o nome Francisca Ogoundikpe Alatishe Modukpe; para o significado de *Modúpé*, ver Babalola e Alaba, *A Dictionary of Yoruba Personal Names*, p. 478. Para o significado de *Iyá*, ver Kayode J. Fakindele, *English-Yoruba Yoruba English Modern Practical Dictionary* (New York: Hippocrene Books, Inc., 2003), p. 581. O casamento de Antonio com Francisca e o nascimento de Constância e Florentina são mencionados em Pélofy, *Histoire d’Agoué*, p. 23, e também em “Famílias Atlânticas: redes de sociabilidade entre Bahia e Benin, século XIX”, projeto financiado pelo CNPq 2012-2014. A autora agradece ao Dr. Luis Nicolau Parés pelo acesso a este material.
- 9 *Iyákomé* significa o bairro de *Iyá*. *komé* significa bairro em Fongbe, Basilio Seguro e Jean Rassinoux, *Dictionnaire fon-français* (Cotonou: Société des Missions Africaines, 2000), p. 291.
- 10 Pélofy, *Histoire d’Agoué*, p. 24; Diedrich Westermann, *Die Glidyi-Ewe in Togo: Züge aus ihrem Gesellschaftsleben*, Berlin: W. de Gruyter, 1935, pp. 230-231; J. Pierucci, *Histoire d’Agoué*, pp. 13-14. Manuscrito não publicado cuja cópia se encontra disponível no acervo particular da autora indica que *Iyá* Francisca morreu em 1889.

Epiphanio Elpidio Olympio, pai de Sylvanus, foi mandado pelo pai para a Nigéria e para a Inglaterra para estudar. Depois, ele trabalhou para a companhia britânica Miller Brothers, como vimos, por muitos anos, e estava sediado em Kpandu quando Sylvanus nasceu. Mais tarde, transferiu-se para Peki e Keta, ambas as cidades localizadas na região do Rio Volta, onde hoje é Gana. Conseguiu se aposentar com uma pensão em 1925 e foi morar em Agoué, onde ele era um dos mais ricos comerciantes da sua época.<sup>11</sup> Epiphanio Olympio falava português e cantava velhas modinhas brasileiras para entreter os seus visitantes vindos do Brasil nas décadas de 1950 e 1960. Ele faleceu em 1966, três anos após a trágica perda de seu filho mais velho.<sup>12</sup>

Árvore genealógica da família de Sylvanus Olympio



11 Histoire de l'aïeul"; Guran, *Agudás*, pp. 59, 63; Pedler, *The Lion and the Unicorn in Africa*, pp. 108.

12 Antonio Olinto, *Brasileiros na África* (2. ed.), São Paulo: GRD, 1980, pp. 219-220; "O primeiro-ministro do Togo, Sylvanius [sic] Olympio, é neto de brasileiro", em: Luhnig, *Pierre Verger, repórter fotográfico*, p. 128.

## ANOS FORMATIVOS DE SYLVANUS OLYMPIO

Aparentemente, a mãe de Sylvanus terminou se estabelecendo em Lomé, a capital do Togo, onde ele começou os seus estudos na escola primária da missão católica alemã. As escolas alemãs, tanto as organizadas pelo governo colonial quanto aquelas pertencentes às missões religiosas, ensinavam uma das línguas locais, o ewe, assim como o alemão e o inglês. Alguns estudantes, depois de terminarem a escola primária, continuavam seus estudos fora do país para aprender o inglês. O conhecimento da língua inglesa era essencial por ser esta a língua franca do comércio na região. Seguindo esse processo, Sylvanus frequentou uma escola secundária britânica em Kpandu, que já então estava sob mandato britânico estabelecido depois da Primeira Guerra Mundial. Logo depois, ele retornou a Lomé e frequentou a escola francesa, já que os franceses agora detinham o mandato na área. Sylvanus se destacou na escola francesa por sua inteligência. Um resultado positivo de sua educação multilíngue foi que ele acabaria falando sete línguas. Três eram da África ocidental: fongbe, ewe e iorubá, e quatro europeias: português, alemão, francês e inglês.<sup>13</sup>

Seria interessante mencionar aqui que essa trajetória educacional de Sylvanus Olympio não era única dentro das comunidades de retornados afro-brasileiros a África Ocidental. Uma característica comum a todas estas comunidades era o desejo de dar aos seus filhos uma educação sólida. Sob a escravidão no Brasil, eles adquiriram a consciência da vantagem estratégica de serem alfabetizados para lidar com o mundo dos brancos. Onde quer que se estabelecessem, os retornados afro-brasileiros garantiram a abertura de escolas e o apoio a missionários religiosos dispostos a ensinar seus filhos. Essa característica contribuiu, pelo menos por um

---

13 Guran, *Agudás*, pp. 63-64; Komlan Kouzan & Koffi Nufeté Tsigbe, “Olympio Sylvanus Epiphanio Kwami (1902-1963)” in Komlan Kouzan e Koffi Nufeté Tsigbe, *Nicolas Grunitzky (1913-1969): le nationaliste trop prudent ou l’homme de la France?* (Paris: L’Harmattan, 2020), p. 122. Para um excelente estudo sobre a educação no Togo durante a colonização alemã, ver: Benjamin Nicholas Lawrance, “Most Obedient Servants: The Politics of Language in German Colonial Togo”, *Cahiers d’études africaines*, v. 159 (2000), pp. 459-524, [↗](#)

tempo, para manter a ascendência econômica e social da comunidade sobre a população local.<sup>14</sup>

**Figura 3: Duas gerações da família Olympio, data desconhecida**



Essa fotografia foi tirada na residência de Octaviano Olympio em Lomé. Da esquerda para a direita, sentados: Epiphanio Elpidio Olympio, Arnold Bolliger (representante da empresa britânica F & A Swanzy), General W. W. W. Grey (diretor da *United Africa Company*), Octaviano Olympio. De pé, da esquerda para a direita, Dr. Pedro Siru Olympio, S. S. Olympio, Sylvanus Epiphanio Olympio e Eugenio João Amorin. Epiphanio e Octaviano eram filhos de Francisco Olympio. Os demais eram netos.

Fonte: Cortesia de Lucien (Bebi) Olympio.


A pedido de seu primo mais velho, João Jeronimo Amorin, o pai de Sylvanus o enviou para a Inglaterra aos 18 anos, em 1921, para continuar seus estudos. Naquela época, Amorin era o representante geral da *United Africa Company*, uma firma britânica, na África ocidental. Em Londres, Sylvanus estudou no University Tutorial College, entre outubro de 1921 e junho de 1922, para se preparar para o exame de admissão para a universidade na Inglaterra. Ele passou no exame e foi admitido na famosa London

14 Para a importância da educação dentro das comunidades afro-brasileiras na África Ocidental e como o acesso à educação abriu oportunidades econômicas e sociais ver Amos, *Os Que Voltaram, passim*.

School of Economics, onde iniciou o curso de Bacharelato em Comércio em 2 de outubro de 1922. F & A Swanzy pagou por seus estudos. Não está claro pela documentação se Epiphanio Olympio encaminhou os fundos para o pagamento dos estudos de seu filho através da companhia ou se Sylvanus recebeu uma bolsa de estudos.<sup>15</sup>

É interessante destacar aqui que membros de várias gerações da família Olympio estiveram estreitamente ligados à empresa F & A Swanzy desde, pelo menos, o início da década de 1880. Naquele período, um novo centro comercial começou a se desenvolver na Costa Oeste da África, o qual se tornaria muito importante para a família Olympio. Os europeus conheciam essa pequena vila como Bey Beach (ou Be-Beach). Futuramente, ela seria Lomé, a capital do Togo. Em 1880, comerciantes Anlo-Ewe se estabeleceram na área, vindos da Costa do Ouro (futuramente Gana), e ocuparam as terras litorâneas para construir suas casas comerciais. Em 1881, casas comerciais europeias também foram atraídas para a área. Em 1882, dois filhos de Francisco Olympio, Chico Olympio, nascido em 1854, e seu irmão Octaviano, então com 22 anos, foram contratados pela A & F Swanzy, também conhecida como Swanzy Brothers [Irmãos Swanzy], para abrir uma filial no local. Os principais produtos importados e vendidos para o interior eram tecidos, pólvora, tabaco, rum e gim.<sup>16</sup>

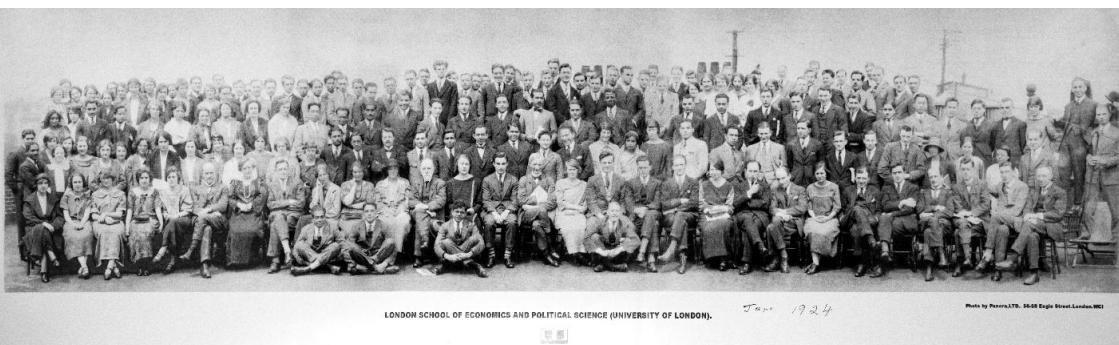
---

15 Sylvanus Olympio, entrada na Inglaterra em 21 de agosto de 1921, U.K. and Ireland Incoming Passenger Lists, 1878-1960, , *Sylvanus Olympio, un destin tragique*, pp. 60-64; London School of Economics, arquivo do aluno Sylvanus Olympio, C/22/25, doravante “arquivo do aluno Sylvanus Olympio”.

16 Archives Nationales du Togo (ANT), Fonds allemand (FA) 1/601, 30, Memorando de Acordo, de 12 de dezembro de 1882, entre W. H. Williams, em nome de Swanzy Brothers, e Joachim Acolatse, com assinatura de Francisco Olympio Jr. como testemunha; Yves Marguerat, *Lomé: les étapes de la croissance: une brève histoire de la capitale du Togo*, Lomé: Éditions Haho; Paris: Karthala, 1992, p. 10; Yves Marguerat, *Dynamique urbaine, jeunesse et histoire au Togo: articles et documents (1984-1993)*, Lomé: Presses de l'Université du Bénin, 1999, p. 62; “Ascendants-descendants-colatéraux”. Para uma história do desenvolvimento inicial de Lomé, veja Peter Sebald, “The Development of Socio-Economic Conditions in Lomé, the Capital of Togo, During the Years 1877-1914 and the Beginnings of the National Liberation Movement”, in *Problems of African History and Anti-Colonial Resistance*, (Berlim: Akademie Verlag, 1977), pp. 36-38, edição especial de *Asia, Africa, Latin America*, n. 2; para informações sobre a criação de F & A Swanzy, veja Henry Swanzy, “The Trading

Os netos e bisnetos de Francisco Olympio continuaram a relação da família com a companhia. João Jeronimo Amorin, filho de Laurinda Olympio Amorin, e seus filhos, Tobias e Carlos Amorin, trabalharam para Swanzy. E, como vimos, havia sido João Jeronimo quem insistira com Epiphany para enviar Sylvanus para estudar em Londres. Como veremos adiante, o primeiro emprego de Sylvanus depois de formado foi em uma companhia que pertencia, pelo menos parcialmente, à F & A Swanzy.<sup>17</sup>

**Figura 4: Fotografia dos estudantes da *London School of Economics* em junho de 1924**



Nesta fotografia dos estudantes da *London School of Economics* em 1924, Sylvanus Olympio, que aparentemente era o único estudante africano na época, encontra-se no meio da fotografia. Foto no acervo pessoal de Carlos Fonseca

Depois de se formar em 1925, Sylvanus foi para Dijon (França) e Viena (Áustria) para estudar direito internacional. Em 1927, ele foi morar em Lagos, Nigéria, então uma colônia inglesa, onde trabalhou brevemente para a Lagos Stores Limited, que era parcialmente propriedade de F & A Swanzy e especializada no comércio de amendoim. Depois disso, Sylvanus foi contratado pela companhia britânica Unilever para ser seu representante em Lagos. Em 1932, ele estava de volta ao Togo como representante da United Africa Company, uma subsidiária da Unilever para toda a África

---

Family in the Nineteenth Century Gold Coast”, *Transactions of the Gold Coast & Togoland Historical Society*, v. 2, n. 2 (1956), pp. 87-120. [↗](#) .


17 Frederick J. Pedler, *The Lion and the Unicorn in Africa*, pp. 108-109.

Ocidental Francesa. Na época, nenhum outro africano ocupava uma posição tão prestigiosa nessa companhia.<sup>18</sup>

Apesar de seu avô e seu pai terem adotado o costume africano de ter muitas esposas, Sylvanus seguiu o modelo de casamento cristão recém-introduzido pela elite afro-brasileira em Lomé, no começo do século XX. Segundo esse novo modelo, os casamentos deveriam ser registrados legalmente e a cerimônia deveria ocorrer dentro de uma igreja. A monogamia deveria ser predominante, apesar de existirem algumas exceções. As uniões matrimoniais deveriam considerar as escolhas dos jovens envolvidos no relacionamento e não apenas as escolhas das respectivas famílias.<sup>19</sup>

Nesse contexto, em 1930, Sylvanus Olympio contraiu matrimônio com Adzoa Dina Grunitzky, a filha de um militar alemão de ascendência polonesa que permaneceu no Togo depois do fim do poder colonial alemão, operando na área de comércio. Dina era irmã, apenas por parte de pai, do famoso político togolês Nicolas Ador Grunitzky, que por sinal era inimigo político de Sylvanus. O casal manteve seu casamento até a morte de Sylvanus, e não se tem notícias de que ele teve outras esposas. Sylvanus e Dina tiveram cinco filhos: Kwasi Bonito Herbert, Ablavi Rosita, Kwami Gilchrist Sylvanus, Ayaba Sylvana e Kodzo Elpidio Fernando. Todas as crianças receberam nomes africanos e brasileiros, e dois tinham também nomes ingleses. Os nomes africanos dos filhos de Sylvanus e Dina Olympio eram indicativos dos dias da semana em que haviam nascido, um costume derivado da cultura da África ocidental: Kwasi significa nascido num domingo; Kwami (ou Kwame), nascido num sábado; Kodzo (ou Kodjo), nascido numa segunda-feira; Ablavi, nascida numa terça-feira; e Ayaba, nascida numa quinta-feira. O casal evidentemente quis fundir as suas ascendências culturais e étnicas nos nomes dos filhos. Na verdade, essa já era uma tradição de suas famílias, pois Sylvanus também fora batizado

---

18 Arquivo do aluno Sylvanus Olympio; J.S. Hogendorn, *Nigerian Groundnut Exports: Origins and Early Development*, Zaria: Ahmadu Bello University Press, 1978, p. 139; Tété-Adjalo, *Sylvanus Olympio*, pp. 35-36; “Assassinat de Sylvanus Olympio Monsieur X raconte...”, 21 de janeiro de 2004, entrevista transmitida por *France Inter*, 27 de outubro de 2001, .

19 Thérèse Locoh, “Changement social et situations matrimoniales: les nouvelles formes d’union à Lomé”, *Dossiers et recherches*, v. 29 (1989), p. 24.

com nomes africanos e brasileiros (Kwami e Epiphanio) e Dina com o nome Adzoa, indicando que ela tinha nascido numa segunda-feira.<sup>20</sup>

## A carreira política de Sylvanus Olympio

A carreira política de Sylvanus começou em 1936, quando o governador francês Michel Lucien Montagné o convidou para ser vice-presidente do *Cercle des Amitiés Françaises* (Círculo da Amizade Francesa). O *Cercle* era uma organização que visava unir membros das altas camadas da sociedade togolesa: cidadãos franceses, os notáveis e os *evolués* (os evoluídos), como eram conhecidas as elites locais, além dos chefes tradicionais. A intenção implícita do *Cercle* era propagar a civilização francesa e, ao mesmo tempo, contrabalançar as atividades da organização pró-alemã *Bund der Deutschen Togolander* (Associação dos Togolesses Alemães). O *Cercle* operava como um “clube de cavalheiros” e, na década de 1950, já havia começado a se dissolver devido à falta de membros. Ironicamente, essa organização se tornaria o embrião do *Comité de l’Unité Togolaise* (CUT) (Comitê de Unidade Togolesa), o partido político que levou o Togo à independência da França em 1960. Sylvanus, em 1960, descreveu o CUT como um partido com uma “origem única para um movimento nacionalista [...] fundado por um governador francês para propósitos bem diferentes daqueles a que conseguimos encaminhá-lo”.<sup>21</sup>

---

20 Essè Amouzou, *Gilchrist Olympio et la lutte pour la libération du Togo*, Paris: L’Harmattan, 2010, p. 31; Tété-Adjalo, *Sylvanus Olympio*, p. 35; Jennifer C. Seely e Samuel Decalo, *Historical Dictionary of Togo* (4th ed.), Lanham: Rowman & Littlefield, 2021, pp. 201-202; Annelie Lara, *Olympio highlife: chronique d’un assassinat, Récit*, Paris: L’Harmattan, 2021, p. 95.

21 Tété-Adjalo, *Sylvanus Olympio*, pp. 49-51; Seti Yawo Gbédémah, “La politique d’association au Togo sous mandat de la France” (Tese de Doutorado), Université de Provence, Aix-en-Provence, 1982-1984, v. II, pp. 286-287; Wen’Saa Ogma Yagla, *Les indigènes du Togo à l’assaut du pouvoir colonial, 1920-1958: l’histoire politique d’un peuple africain*, Lomé: Les Nouvelles Éditions Africaines du Togo, 1992, p. 87, nota 65; Sedo M. Amlalo e Théodore K. Gatowonu, “L’organisation administrative de Lomé de 1897 à nos jours”, in Nicoué L. Gayibor, Yves Marguerat e Gabriel Nyassogbo (orgs.), *Le centenaire de Lomé, capitale du Togo (1897-1997). Actes du Colloque de Lomé*, 3-6

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, o Togo se tornou arena de manobras políticas dos aliados, representados pelos britânicos na vizinha Costa do Ouro, contra a facção francesa pró-alemã e seguidora do general Pétain, colaboracionista dos alemães em Lomé. Embora a população nativa não estivesse interessada nos assuntos dos brancos, os cidadãos da elite local tomaram partido. A família Olympio era vista como simpatizante da causa aliada e considerada pró-inglesa. Sylvanus Olympio foi preso pelo governador francês do Togo em 1942, sendo acusado de ouvir a rádio britânica BBC. Ele foi detido sob vigilância em um hotel em Djougou, no Daomé, por várias semanas. Sua prisão marcaria negativamente seu relacionamento com os franceses a partir daquele momento.<sup>22</sup>

Em maio de 1945, após a vitória dos aliados na Europa, o novo governador francês no Togo, Jean Noutary, organizou uma conferência em Lomé para determinar, entre outras questões, o futuro nível de participação da população local no governo, a industrialização da colônia e seu desenvolvimento social. Pelo menos três descendentes de afro-brasileiros – Sylvanus Olympio, seu primo, Pedro Olympio (filho do eminente membro da sociedade togolesa, Octaviano Olympio), e Jacintho da Silva, se tornaram membros dessa conferência. Sylvanus Olympio dominou as discussões. A conferência foi um primeiro fórum para suas excelentes habilidades oratórias.

Em algum ponto do evento, Sylvanus Olympio expressou, em termos inequívocos, como ele acreditava na identidade do Togo como país independente: “Queremos permanecer togoleses [e] queremos evoluir em nosso próprio ambiente. Temos uma história [...], temos [...] uma língua [e] temos interesse em que nossos filhos devem aprender [esta história e esta língua]”. Esse conclave foi considerado de grande importância histórica para o Togo,

---

*mars* 1997 (Lomé: Presses de l'Université du Bénin, 1998), p. 114; Sylvanus E. Olympio, “Togo: Problems and Progress of a New Nation”, *Africa Today*, n. 7 (1960), p. 5, [↗](#).

22 Yves Marguerat, “L'apparition de la vie politique”, in Nicoue Gayibor (org.), *Les togolais face à la colonisation* (Lomé: Presses de l'Université du Bénin, 1994), p. 59, 61; Yves Marguerat, *Dynamique urbaine, jeunesse et histoire au Togo: articles et documents (1984-1993)*, Lomé: Presses de l'Université du Bénin, 1999, p. 215; Kokouvi-Agbobli, *Sylvanus Olympio*, p. 65.



pois ofereceu um fórum ao crescente nacionalismo do povo togolês, que se desenvolvera desde o início do século XX.<sup>23</sup>


A primeira vez que Sylvanus Olympio teve a oportunidade de demonstrar sua capacidade oratória para um público internacional foi em 1947, quando esteve envolvido no movimento para unir o povo Ewe sob uma só potência colonial, em vez de ser dividido entre os britânicos, na Costa do Ouro (Gana), e os franceses, no Togo. Em 9 de agosto de 1947, a *All-Ewe Conference* (Conferência de Todos os Ewe), sediada em Accra, enviou uma petição ao Conselho de Tutela das Nações Unidas, em Nova York. Eles defendiam a unificação do povo Ewe e solicitavam a oportunidade de enviar seus representantes para falar diante do Conselho. O Conselho debateu a questão e, após uma longa discussão, a solicitação foi aprovada em 20 de novembro, com a condição de que os representantes chegassem dentro de dez dias após receberem o convite por telegrama. O tempo era tão curto porque os delegados do Conselho de Tutela não queriam perder a comemoração do Natal com suas famílias.<sup>24</sup>

Sylvanus Olympio foi escolhido para representar o povo Ewe. Ele chegou a Nova York em 2 de dezembro de 1947, vindo de Accra, capital da Costa do Ouro, em um voo da Pan American Airways.<sup>25</sup> Dada a distância entre Accra e Nova York e os preparativos necessários para a viagem, sua chegada se deu, é claro, após os dez dias estabelecidos pelo Conselho. No entanto, o Conselho permitiu que Olympio apresentasse seu caso em 8 de dezembro. Os delegados estavam céticos quanto ao que estava por vir. Afinal, Olympio seria o primeiro africano a se apresentar perante as Nações Unidas em nome de seu povo. Um delegado do Conselho de Tutela, provavelmente europeu,

---

23 Marguerat, “L’apparition de la vie politique”, pp. 70-71; Kokouvi-Agbobli, *Sylvanus Olympio*, p. 66.

24 Petition from the All-Ewe Conference, 9 ago. 1947, ; Nações Unidas. Conselho de Tutela, Segunda Sessão: Primeira Parte (20 nov. 1947 – 16 dez. 1947), pp. 28, 31, 37, .

25 Por razões desconhecidas, Sylvanus Olympio está listado nos documentos de imigração como Epiphanio Olympio. Como Epiphanio era seu segundo nome, isso pode ter sido apenas um erro administrativo: ver Manifesto de passageiros, Pan American Airways, Inc. Voo n. 151/30. Passageiro embarcado em Accra, Gold Coast, África Ocidental Britânica, Passageiro desembarcado em Nova York, N.Y., Estados Unidos da América, Nova York, Listas de passageiros e tripulantes de Nova York, 1909, 1925-1957, .

mas que permaneceu não identificado, explicou o sentimento geral: “Ouvimos que havia um peticionário vindo da África e não sabíamos bem o que esperar”. Os delegados não sabiam nada sobre a África, e muitos “esperavam que este alguém se apresentasse para o Conselho envolto em uma pele de leopardo e acompanhado por uma batucada de tambores”. O que eles receberam, provavelmente com grande surpresa, foi um Sylvanus Olympio muito elegante, vestido com roupas europeias, com maneiras ocidentais impecáveis e um inglês e um francês fluentes.<sup>26</sup> Décadas mais tarde, uma autora iria descrever Sylvanus Olympio da seguinte maneira: “Alto, de elegância discreta, [...] [era] um cavalheiro na aparência e nas palavras”.<sup>27</sup>

**Figura 5: Sylvanus Olympio, representante do povo Ewe e primeiro africano a se apresentar frente às Nações Unidas, em 8 de dezembro de 1947**



Sylvanus Olympio, à esquerda, e Dr. Ralph J. Bunche, Diretor da Diretoria de Tutelas das Nações Unidas, à direita. Olympio causou grande impacto ao ser o primeiro africano a se apresentar diante das Nações Unidas, falando fluentemente inglês e francês.

Fonte: Nações Unidas, fotografia de Albert Fox, UN7692235.

26 Alex Quayson-Sackey, *Africa Unbound: Reflections of an African Statesman*, New York: Frederick A. Prager Publishers, 1965, pp. 129-130.

27 Lara, *Olympio highlife*, p. 98.

Em uma grande demonstração de civilidade, mas também em uma demonstração sutil de seu desejo de que o povo Ewe fosse unificado sob os britânicos, Sylvanus Olympio começou sua declaração dirigindo-se à delegação francesa, em francês, para explicar por que ele faria sua apresentação em inglês. Ele explicou que representava tanto o povo Ewe que vivia no território sob tutela francesa, quanto aqueles que viviam sob a administração britânica. Finalmente, ele explicou que falaria em inglês “para a conveniência do Conselho de Tutela”. Afinal, era preciso lembrar que nem todo mundo era poliglota como ele.<sup>28</sup>

Durante a década de 1950, Sylvanus Olympio se tornou bastante conhecido nos corredores das Nações Unidas. Ele não hesitava em entrar em contato com os representantes dos países europeus e dos Estados Unidos, sempre expondo a teoria de que os povos africanos, inclusive o povo togolês, estavam prontos para obter a libertação das potências coloniais. Um membro do serviço diplomático americano, Thomas Patrick Melady, após um encontro com Sylvanus nas Nações Unidas, tornou-se admirador da sua inteligência e capacidade e, eventualmente, um amigo pessoal.<sup>29</sup>

Em 27 de abril de 1958, os togoleses conseguiram eleger 46 representantes políticos para a Câmara dos Deputados, numa eleição livre supervisionada pelas Nações Unidas. Os postos eleitorais estavam distribuídos de forma igual entre o Sul e o Norte do país. Essa eleição foi diferente das anteriores, organizadas e supervisionadas pelos franceses, que recorriam à intimidação e à discriminação contra a CUT em favor do

---

28 Nações Unidas, Conselho de Tutela, Segunda Sessão, pp. 319-320. Não está no escopo deste trabalho examinar a participação de Sylvanus Olympio no movimento de unificação Ewe que precedeu a campanha pela independência do Togo. Para detalhes sobre este movimento, ver Divine E.K. Amenumey, *The Ewe Unification Movement: A Political History*, Accra: Ghana Universities Press, 1989; Yves Marguerat, “L’apparition de la vie politique”; De Souza, *La famille De Souza du Bénin-Togo*, p. 271; Gbédémah, “La politique d’association au Togo”, v. iv, p. 307; Julius Heise, *Securitising Decolonisation: The Silencing of Ewe and Togoland Unification Under United Nations Trusteeship, 1945-1960*, [↗](#).

29 Thomas Patrick Melady e Margaret Badum Melady, “Sylvanus Olympio: Brutally Murdered in Togo”, in Thomas Patrick Melady e Margaret Badum Melady, *Ten African Heroes: The Sweep of Independence in Black Africa* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 2011), pp. 135-151.

*Parti Togolais du Progress* (PTT) (Partido Togolês do Progresso), liderado por Nicolas Grunitzky. A CUT era a favor da independência imediata, e o PTT, da manutenção da ligação com a França. A CUT venceu a eleição, com 29 de seus candidatos eleitos.<sup>30</sup>

Apesar da clara vitória do partido político de Olympio, os franceses tentaram inviabilizar a sua ascensão ao poder. O Alto Comissário francês, Georges Léon Spénale, inicialmente ofereceu o cargo para Fousseni Mama, um político do PTT nascido no norte do país, que, de acordo com Spénale, serviria de ligação entre o norte e o sul do país. A oferta não foi aceita. Ainda não satisfeito, Spénale ofereceu o cargo para três aliados de Olympio: Paulin Akouété, um líder trabalhista; Jonathan Savi de Tové, que havia sido um dos fundadores do CUT junto com Sylvanus Olympio, em 1941; e, finalmente, Anani Ignácio dos Santos, o líder do Juvento, a sigla de *Justice, Union, Vigilance, Éducation, Nationalisme, Ténacité, Optimisme* (Justiça, União, Vigilância, Educação, Nacionalismo, Tenacidade, Otimismo), a ala jovem da CUT. Todos os três responderam que o cargo de primeiro-ministro deveria ir para o líder natural da luta pela independência do Togo, Sylvanus Olympio. Olympio, que até então estava proibido de ocupar qualquer cargo por ter tido seus direitos políticos cassados em 1954, foi então anistiado e pôde tomar posse como Primeiro-Ministro.<sup>31</sup>

A vitória da CUT em 1958 trouxe à tona uma onda de incidentes de violência que têm sido amplamente discutidos tanto por aqueles que pensam que Sylvanus Olympio foi o mentor dos atos hediondos quanto por aqueles que acreditam que a violência foi uma vingança, resultado de atos perpetrados pelos franceses e seus aliados do PTT. Um artigo publicado recentemente sobre as recordações de pessoas que viviam na época indica que, sob o regime francês e com a conivência do PTT, produtores rurais

---

30 Seely e Decalo, *Historical Dictionary of Togo*, p. 152.

31 Bammoy Nabe e Nakpane Labante, “*Le Togo des beaux-frères ennemis*”: à travers leurs adresses mensuelles à la nation. *Des sources inédites pour l’histoire du Togo (1958-1967)*, Paris: L’Harmattan, 2021, p. 26; Seely e Decalo, *Historical Dictionary of Togo*, pp. 42, 335, 332.

foram aterrorizados, espancados e forçados a entregar quantidades predefinidas de produtos agrícolas.<sup>32</sup>

Por outro lado, uma vez que a CUT tomou o poder, os militantes do partido começaram a buscar vingança pelos ultrajes sofridos. Uma milícia chamada *Ablodé Sodja* (Soldado da Independência), que havia sido originalmente formada como força de proteção para os comícios políticos da CUT, fazia agora parte das multidões que atacavam aqueles que antes foram seus agressores.<sup>33</sup> Outros estudiosos do assunto indicam que havia um amálgama de indivíduos que, por sua própria iniciativa, tinham saído para fazer a assim-chamada “caça às bruxas”. Na verdade, pelo menos um líder local da CUT em *Atakpamé* foi destituído do cargo por estar ligado a vários ataques contra partidários do PTT, inclusive uma agressão contra o deputado federal da oposição, Antoine Idrissou Meatchi.<sup>34</sup>

## O GOVERNO E O ASSASSINATO DE SYLVANUS OLYMPIO

Apesar de todos os problemas, a independência total do Togo em relação à França foi alcançada em 27 de abril de 1960. No comando do primeiro governo togolês totalmente independente estava Sylvanus Epiphany zKwami Olympio, o afro-brasileiro de segunda geração, já nascido na África em 1902,

---

32 Hanza Diman, “Les témoins en parlent: récits empiriques des impacts des coups d’état de 1963 et 1967 au Togo”, *Collection Recherches & Regards d’Afrique*, v. 5, n. 5 (2023), pp. 286-287, [🔗](#).

33 Ablodé, do Ewe independência, e Sodja, do Ewe Sodza, uma corruptela de soldier, soldado em inglês. Jacques Rongier, *Dictionnaire français-éwé suivi d’un index éwé-français*. Paris: Karthala, 1995, p. 465, 539.

34 Tété-Adjalo, *Histoire du Togo*, 2002, pp. 47-49; Lassey Agénlé, “Répression et usage des frontières par les élites politiques au Togo (1956-1963)”, *Science et Technique: Lettres, Sciences Sociales et Humaines*, v. 33, n. 1 (2017), p. 151; Adimado M. Aduayom, Ayélé Ekue, Badjow K. Tcham, “La lutte pour l’indépendance: de la république autonome du Togo à la république togolaise (1956-1960)”, in Nicoue Gayibor (org.), *Histoire des togolais: des origines aux années 1960* (Paris: Editions Khartala; Lomé: Presses de l’Université de Lomé, 2011), v. 4, p. 669.

neto do baiano Francisco Olympio da Silva, que havia chegado à África mais de cem anos antes.

Figura 6: Retrato de Sylvanus Olympio, primeiro presidente do Togo, 1960



O pôster comemora a independência do país. Olympio era um afro-brasileiro de segunda geração nascida na África, neto de Francisco Olympio da Silva, que veio da Bahia, e filho de Epiphanio Elpidio Olympio, já nascido na África. Fonte: cortesia de Lucien (Bebi) Olympio

Vamos observar aqui que a herança brasileira de Sylvanus Olympio foi negativamente mencionada durante suas campanhas políticas. Um jornal da oposição declarou certa vez: “Vamos mandar o Sr. Olympio de volta para o Brasil.” A questão da escravidão dos antepassados de Sylvanus Olympio, como também da participação deles no tráfico de escravos, foi

abordada. Um observador contemporâneo mencionou que um transeunte qualquer nas ruas de Togo, caso fosse abordado a respeito do assunto, diria: “Esse Olympio é um caçador de escravos, e a maioria desses mulatos são escravos. E todos esses nomes engraçados? [...] Eles não são africanos, são escravos”. Até mesmo dias antes da independência do Togo, Sylvanus foi interrogado por um repórter do *New York Times* quanto à participação de seus antepassados no tráfico de escravos. Ele respondeu que quando seu avô, Francisco Olympio, tinha ido para a África, o tráfico já havia sido proibido. É pouco provável que Sylvanus não soubesse a história de sua família e seu envolvimento com o tráfico de escravos. Mas teve que encontrar uma resposta para uma pergunta tão incômoda.<sup>35</sup>

Há alguma indicação de que Sylvanus era um tanto ambivalente em relação à sua herança brasileira. Ele sabia cantar em português e dançar músicas brasileiras em particular, na privacidade de sua família. Mas certa ocasião ficou irritado quando um grupo afro-brasileiro quis homenageá-lo com uma apresentação pública de músicas brasileiras em seu aniversário. Aparentemente, ele não queria dar a seus oponentes mais motivos para difamá-lo por causa de sua ascendência brasileira. No entanto, uma parente de Sylvanus Olympio declarou, em 1995, que, na verdade, ele tinha orgulho dessa descendência.<sup>36</sup>

Segundo o famoso jornalista Assis Chateaubriand, Sylvanus Olympio tinha um desejo todo especial de visitar a terra de onde vieram seus antepassados. Quando do assassinato de Olympio, em 1963, Chateaubriand publicou um artigo sobre o assunto, no qual descrevia a visita de um fotógrafo à casa de Sylvanus Olympio, que ele havia descrito como uma “casa solarenga de um baiano”. Sem dúvida, esse fotógrafo era Pierre

---

35 Raymond Guillaneuf, “La presse au Togo (1911-1966)”, Dissertação (Estudos Superiores de História), Universidade de Dakar, Senegal, 1967, p. 13; Ras Makonnen, *Pan-Africanism from Within* (ed. by Kenneth King, London: Oxford University Press, 1973, p. 230; “Energetic Togo Leader; Sylvanus Olympio.” *New York Times*, 8 abr. 1960. Para uma discussão aprofundada sobre a memória da escravidão entre a comunidade afro-brasileira do Benin, ver Ana Lucia Araujo, *Public Memory of Slavery: Victims and Perpetrators in the South Atlantic*, Amherst: Cambria Press, 2010.

36 Entrevista com Amelia Olympio Sossah, .

Verger, que havia visitado Olympio em sua casa em Lomé, em abril de 1958. De fato, foi noticiado, em 1963, que o governo brasileiro havia enviado um convite oficial para Sylvanus Olympio visitar o Brasil pouco antes de ele ter sido assassinado.<sup>37</sup>

Já na época da posse de Sylvanus Olympio no cargo de presidente do Togo, em 1960, após a independência do país, a imprensa brasileira havia dado ampla cobertura às suas ligações com o Brasil. A existência de muitas famílias portando sobrenomes brasileiros no Togo foi identificada como “curiosas associações históricas com o Brasil”. Quando o presidente do Togo era mencionado, tanto como presidente do novo país independente e mais tarde por ocasião de sua morte, quase sempre a sua ascendência brasileira era também citada: eram comuns as explicações de que Olympio era “descendente de africanos da Bahia”, ou que ele era “por sinal neto de ex-escravo baiano”, ou ainda a afirmação de que um “descendente de escravos brasileiros chegou à presidência” do Togo.<sup>38</sup>

A família aparentemente manteve algum sentimento de nostalgia pelo Brasil mesmo depois do assassinato de Olympio. Em agosto de 1963, o seu filho mais novo, Elpidio Fernando, na época estudante na Universidade de Princeton, viajou para o Brasil. Infelizmente, não nos foi possível encontrar qualquer informação sobre essa viagem, a não ser o visto emitido pelo Consulado-Geral do Brasil em Nova York em 14 de julho de 1963, apenas seis meses após a morte de seu pai.<sup>39</sup>

A presidência de Sylvanus Olympio durou menos de três anos. De acordo com um observador americano que viveu em Lomé durante o seu governo, ele era uma figura única entre os governantes dos países

---

37 “Pela mesma razão”, *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1963; “O primeiro-ministro do Togo, Sylvanius [sic] Olympio, é neto de brasileiro”, em: Luhning (org.), *Pierre Verger, repórter fotográfico*, p. 127; “Vinha ao Brasil o presidente do Togo”, *Última Hora*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1963.

38 “Descendente de africanos da Bahia, o ‘Premier’ do Togo”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 abr. 1960; “Nova África fala linguagem da esperança”, *Última Hora*, Rio de Janeiro, 10 out. 1961; “Descendente de escravos brasileiros chegou à presidência”, *Última Hora*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1963.

39 Elpidio Olympio, solteiro, filho de Dinah e Sylvanus, estudante, Princeton, New Jersey, Rio de Janeiro, Brazil, Immigration Cards, 1900-1965, [Z](#).

recém-independentes da África Ocidental por acreditar que o Togo tinha a possibilidade de ser independente financeiramente da França, a antiga metrópole colonial. Além disso, os ministros de Estado durante o seu governo não recebiam regalias, como casas luxuosas, empregados domésticos e carros com chofer, às custas do governo. E, de acordo com o que podia ser observado, a corrupção dentro do governo era, de modo geral, rara.<sup>40</sup>

Outra crença de Olympio era que os togolezes poderiam exercer autoajuda encontrando objetivos comuns, que iriam unir as populações do sul do país, a área mais desenvolvida economicamente, com as populações do norte subdesenvolvido. A ajuda mútua iria levar os togolezes a construírem o seu próprio país, sem a intervenção da França. Parte dessa filosofia era o apelo à população para participar de projetos de construção de infraestrutura local, ou para participar dos projetos de ajuda às vítimas de calamidades públicas, como a seca de 1962. O governo acreditava que projetos que beneficiariam a comunidade, como escolas e centros de saúde, deveriam ser realizados pelos beneficiários.

Outro aspecto positivo do governo Olympio foi que ele não concentrou o poder nas mãos dos Ewe, o grupo étnico africano com o qual ele se identificava, ou nas dos afro-brasileiros. Olympio costumava visitar o país de ponta a ponta, num esforço para entrar em contato com as populações locais e conhecer os seus problemas.<sup>41</sup>

Apesar de todas as qualidades positivas do governo de Olympio, após a euforia da independência, em abril de 1960, um certo descontentamento começou a tomar conta do país. Entre diversos fatores, os chefes locais do norte do país se sentiam abandonados. Por outro lado, o governo Olympio não havia dedicado a devida atenção ao setor agrícola e, além disso, um imposto sobre a produção de cacau e café havia reduzido os lucros dos

---

40 David Hapgood, “An African Tragedy”, 16 jan. 1963, [📄](#).

41 Kwami Agbeve & José Manuel Maroto Blanco, “Sylvanus Olympio à Nicolas Grunitzky au Togo: d’une identité indépendantiste à une identité servile du Togolais?” in Sandra Olivero Guibono & Alfredo José Martínez González (Coord.), *Identities, segregation, vulnerability. ¿Hacia la construcción de sociedades inclusivas? Un reto pluridisciplinar* (Madrid: Dykinson SL, 2021), p. 337, [📄](#); Nabe e Labante, *Le Togo des beaux-frères ennemis*, pp. 28, 42-43.

donos de grandes plantações. Até mesmo com a Igreja Católica Olympio tinha problemas, por ter entrado em uma disputa com o arcebispo.<sup>42</sup>

Politicamente, Sylvanus Olympio enfrentou uma escalada de seus problemas com o Juvento, a ala jovem e radical do seu partido político, a CUT, em junho de 1959, quando o seu líder, Anani Ignácio dos Santos, também descendente de afro-brasileiros, abandonou o partido principal, o Juvento, e transformou em um partido autônomo devido às diferenças ideológicas com a CUT. Dali em diante, Santos se tornou um dos maiores críticos de Olympio. A disputa culminou em 1962, quando o Juvento entrou em aliança com a oposição, representada pela *Union Démocratique des Peuples Togolais* (União Democrática dos Povos Togolesses). Em janeiro de 1962, os dois partidos foram dissolvidos por decreto do governo. A partir daí, a CUT passou a ser o único partido político no Togo. Santos e alguns de seus aliados foram acusados de participar de uma tentativa de golpe de Estado em dezembro de 1961 e enviados para a prisão em Sanssanné-Mango, onde foram submetidos a condições cruéis.

Quando Santos foi libertado, após o golpe de Estado de 1963, em que Sylvanus Olympio fora assassinado, ele estava em péssimas condições físicas. De fato, o Dr. Émile-Derlin Zinzou, Ministro das Relações Exteriores do Daomé, em conversa com um diplomata britânico, declarou que ficou apavorado ao se encontrar com alguns dos prisioneiros políticos togolesses, ao ver o quão esqueléticos se encontravam. Um observador próximo de Olympio explicou, muitos anos depois do ocorrido, que “Sylvanus Olympio era [...] não apenas um homem muito firme, mas também muito duro”. Caso ele não tivesse sido assassinado, é provável que os presos políticos na prisão em Sanssanné-Mango tivessem morrido.<sup>43</sup>

---

42 Seely & Decalo, *Historical Dictionary of Togo*, p. 296.

43 Seely & Decalo, *Historical Dictionary of Togo*, pp. 332-333; Tété-Adjalogo, *Histoire du Togo*, pp. 58-61. Para um relatório do governo do Togo sobre este golpe de Estado, ver International League of Human Rights Records, 1948-1990, Manuscript Collection 1518, The New York Public Library, “Communiqué de la Présidence de la République” anexado à carta de Sylvanus Olympio para Roger Baldwin, 6 mar. 1962; The National Archives (TNA), Reino Unido, JW1023/7, FO (Foreign Office) 371/167847, Ravensdale

Vale ainda destacar que, se Olympio não gostava dos franceses, eles tampouco gostavam dele e questionavam sobre como um homem educado, de alto *status* social e de origem racial não puramente africana se propunha a fazer o papel de libertador africano. A partir de uma perspectiva muito racista, os franceses tentaram analisar a personalidade de Sylvanus. Um relatório de 1961, de Henri Francis Mazoyer, o embaixador francês em Lomé, declarou que, de seu lado africano, Olympio “adquiriu uma suscetibilidade ao orgulho e à arrogância”, e seu lado branco “lhe conferiu bom senso para os negócios, gosto pela ordem e certa autodisciplina”. Olympio tornou-se ainda menos querido pelos franceses com sua atitude decidida de que o Togo tinha que ser libertado de sua dependência da França e que “fortes políticas internas de autoajuda”, juntamente com assistência externa para o desenvolvimento do país, seriam o melhor caminho para o seu desenvolvimento econômico. Décadas depois da morte de Olympio, em 1999, um ex-assessor do presidente Charles de Gaulle ainda declarava sua antipatia pela família Olympio nos seguintes termos: “Um problema com os Olympio é que eles falam inglês tão bem quanto o francês”.<sup>44</sup>

Olympio foi assassinado em um golpe de Estado – o primeiro golpe político violento na África Subsaariana – na manhã de 13 de janeiro de 1963, por um grupo rebelde de veteranos togolezes desmobilizados do Exército francês, que haviam servido na Argélia em operações contra os revolucionários argelinos que lutavam pela independência do país. Olympio se recusou a integrá-los ao exército togolês. Ele acreditava que o Togo não precisava de um exército numeroso e, além disso, não tinha fundos para o financiar.

---

para Millard, 30 jan. 1963; Jean-Pierre Van Geirt, *Togo: Autopsie d'un coup d'État permanent*, Ivory-sur-Seine, França: Éditions Atelier de Presse, 2006, p. 87.

- 44 Conforme citado em Kate Skinner, *The Fruits of Freedom in British Togoland: Literary, Politics and Nationalism, 1914-2014*, Nova York: Cambridge University Press, 2014, p. 186; United Nations. Trusteeship Council. Visiting Mission on the Trust Territories of Togoland under British Administration and Togoland under French Administration, *Report on Togoland under French Administration, Together with Related Documents*, Nova York: United Nations, 1956, p. 5; Frank Church *et al.*, *Study Mission to Africa, November-December 1960*, Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1961, p. 29; “Togo: France & the Olympios”, *New African* (1999), p. 13.

É interessante notar que alguns dos próprios franceses não achavam que fosse uma boa ideia integrar os ex-soldados ao exército togolês. No começo, eles ofereceram ajuda para equipar uma nova companhia formada por ex-soldados. Olympio ficou por um curto período interessado na oferta, mas foi então aconselhado por um general francês que não era uma boa ideia, pois, eventualmente, poderia ter problemas de lealdade com eles.<sup>45</sup>

Assim que os soldados rebeldes invadiram sua casa, às 11 e meia da noite de 12 de janeiro de 1963, Sylvanus Olympio fugiu e se escondeu dentro de um carro estacionado no pátio da embaixada dos Estados Unidos, que ficava ao lado. Ele ficou dentro desse carro até a manhã de 13 de janeiro, quando foi rendido pelos soldados revoltosos. Segundo declarações de sua esposa, Dina, que, naquele momento, observava os eventos por uma das janelas da casa, Olympio imediatamente se rendeu, erguendo os braços. Pouco depois, foi morto em frente ao portão da embaixada. Mais tarde, o embaixador americano Leon Poullada retirou o corpo para dentro da embaixada. Pouco depois disso, Bonito Olympio, o filho mais velho do presidente, chegou para prestar suas homenagens póstumas. Anteriormente, ele havia se escondido ao tomar conhecimento do golpe, mas deixou seu esconderijo para visitar o corpo do pai. Mais tarde, o reverendo Jean Gbikpi-Bénissan, administrador apostólico da arquidiocese de Lomé, veio receber o corpo de Olympio. Acompanhavam o reverendo Gbikpi-Bénissan o Dr. Pedro Olympio e outro membro da família, Hermann Olympio. Christophe da Gloria, outro descendente de afro-brasileiros, levou à noite o corpo de Olympio, escondido no banco de trás de um carro, para o então Daomé, hoje República do Benin. O corpo de Sylvanus Olympio foi enterrado no cemitério afro-brasileiro de Agoué, na terça-feira, dia 15 de janeiro. Dina, que chegou a ver o corpo de seu marido assassinado em frente ao prédio da embaixada americana, nunca se recuperou

---

45 The National Archives (TNA), Reino Unido, JW1023/1, FO371/167647, Faber para Stratton, 24 jan. 1963.

do choque e do trauma da perda e morreu em Cotonou, no Daomé, em 20 de setembro de 1964.<sup>46</sup>

O assassinato de Olympio ainda desperta o interesse dos historiadores, mais de seis décadas após ter ocorrido. Parece não haver dúvidas sobre quem foi o assassino: Gnassingbé Eyadéma, que na época usava o nome de Etienne Gnassingbé. Ele era um sargento desmobilizado do exército francês que havia servido na Argélia e tinha um rancor pessoal contra Olympio. Em 1962, havia solicitado ajuda ao embaixador francês Mazoyer para interceder por ele junto a Olympio para dar-lhe uma posição no exército togolês. Olympio escreveu uma resposta ao embaixador, em 24 de setembro, indicando que a companhia da infantaria togolesa na qual Eyadéma tentava se alistar já possuía um número suficiente de sargentos.<sup>47</sup>

Como os primeiros tiros não mataram Olympio imediatamente – o embaixador americano Leon Poullada encontrou “manchas vermelhas de dedos no portão”, o que demonstra que Olympio tentara se levantar depois de ferido –, Eyadéma, com extremo requinte de crueldade, sacou sua adaga e cortou as veias dele; depois, cortou sua coxa com uma baioneta. Eyadéma declarou mais tarde: “Era isso que eu fazia na Argélia, para ter certeza de que minhas vítimas estavam mortas”.<sup>48</sup>

O Dr. Pedro Olympio realizou uma autópsia informal no corpo e confirmou alguns detalhes do assassinato de Sylvanus Olympio. Ele afirmou

---

46 “Olympio Death Called Cold-Blooded Murder”, *The Chicago Defender*, 23 jan. 1963; Archives of the John F. Kennedy Presidential Library and Museum, Boston, Mass, Togo General, Caixa 165, Airgram de Poullada para o Secretary of State, 14 jan. 1963; “Sylvanus Olympio, père de l’ablodé”, ☒ ; Tété-Adjalogo, *Histoire du Togo*, p. 320; “Le président Olympio été inhume Mardi matin a Agoué”, *Togo Presse*, 16 jan. 1963; “Mrs. Sylvanus Olympio: Widow of Togo President”, *New York Times*, 24 set. 1964. Uma narrativa compacta da curta presidência de Sylvanus Olympio aparece em Benjamin N. Lawrance, *Locality, Mobility, and ‘Nation’: Periurban Colonialism in Togo’s Eweland, 1900-1960*, Rochester: University of Rochester Press, 2007, pp. 179-180.

47 “Olympio Doomed by Own Letter”, *New York Times*, 22 jan. 1963.

48 François-Xavier Verschave, *La Françafrique: le plus long scandale de la République*, Paris: Stock, 1998, pp. 114-115; “Togo: Death at the Gate”, *Time*, 25 jan. 1963; Christophe Boisbouvier, “Togo: qui a tué l’ancien président Sylvanus Olympio?”, *Jeune Afrique*, 18 jan. 2013, ☒ .

que apenas duas balas foram disparadas contra o abdômen de Olympio, sendo que a segunda atravessou sua mão direita quando ele a ergueu em um gesto de proteção. Ele também encontrou quatro ferimentos de baioneta em uma das pernas de Olympio, confirmando a narrativa do assassinato atribuída a Eyadéma. Essa autópsia ocorreu na *maison familiale* de Octaviano Olympio, na época ocupada pela Sra. Télésphora Olympio, depois que o corpo foi recolhido pelo reverendo Jean Gbikpi-Bénissan e levado para lá.<sup>49</sup>

Outra autópsia e o embalsamamento do corpo foram realizados pelo Dr. Alexandre John Ohin, cirurgião-chefe do Hospital Nacional do Togo. A autópsia do Dr. Ohin divergiu da do Dr. Pedro Olympio ao afirmar que três balas atingiram o corpo do presidente Olympio. Além disso, de acordo com o Dr. Ohin, as balas não foram fatais. O que matou Olympio foram três ferimentos de baioneta, um na virilha e dois no abdômen. Eles foram administrados depois que ele já estava caído no chão. Esses detalhes, mais uma vez, confirmaram a narrativa do assassinato feita por Eyadéma. É importante mencionar que, imediatamente após o golpe, Eyadéma tentou justificar o assassinato dizendo que Sylvanus Olympio havia tentado fugir e que ele tinha sido ferido pelas costas. As duas autópsias realizadas no corpo desmentiram essa versão.<sup>50</sup>

Imediatamente após o assassinato, a junta militar que assumiu o poder no Togo deu várias razões para a remoção violenta do presidente Sylvanus Olympio. Havia a questão do aumento do desemprego e da “desatenção do governo” em relação a esse problema. O governo de Olympio era autoritário e paternalista e seguia uma posição de isolamento dos governos francês e britânico. As prisões do país estavam cheias de oponentes políticos. As relações com os países vizinhos, especificamente Gana, eram péssimas. O último motivo da lista, consistentemente mencionado como o principal motivo do golpe, foi o “profundo desprezo

---


49 Tété-Adjalo, *Histoire du Togo*, p. 335.

50 JFK Archives, Togo General, Caixa 165, Airgram de Poullada para o Secretary of State; Wilbur G. Landrey, “Sergeant Admits Killing Olympio”, *Pioneer Press*, 20 jan. 1963.

de Sylvanus Olympio pelos militares”. Na verdade, quando o capitão Kléber Dadjo, comandante da *Garde Togolaise* [Guarda Togolesa], em 9 de janeiro de 1963 – menos de uma semana antes do assassinato, portanto –, foi pessoalmente solicitar que Olympio considerasse cuidar dos soldados desmobilizados pela França que haviam retornado ao Togo, fornecendo-lhes pensões, integrando-os à Guarda Togolesa ou provendo ajuda para reintegrá-los à vida civil, ele foi recebido com grande desprezo: os veteranos retornados foram taxados por Olympio de “mercenários”, e a carta que ele entregou a Olympio foi supostamente rasgada.<sup>51</sup>

No entanto, a conjectura permanece até hoje: teria Sylvanus Olympio sido assassinado sob ordens do governo francês? Parece haver muitas indicações de que o governo francês queria se livrar de Olympio, mas não há provas definitivas de que o queria morto. Com certeza, os franceses não gostavam de Olympio e, no passado, não hesitaram em tentar interferir em suas atividades políticas e profissionais. Ainda em 1942, o governador Noutary escreveu, em um relatório oficial sobre a situação política no Togo, que “em última análise, apenas Sylvanus Olympio é perigoso”. Noutary acreditava que, se Olympio pudesse ser demitido da sua posição como diretor da *United Africa Company*, o movimento de unificação do povo Ewe seria facilmente controlado. Assim, em 1951, depois que Sylvanus Olympio aparentemente havia desistido da criação de uma nação Ewe independente, compreendendo territórios de tutela sob os franceses e os britânicos, e que ele e seu novo partido, o CUT, começaram a exigir um Togo independente, os franceses pressionaram a *United Africa Company* para demiti-lo de sua posição de representante para a África Ocidental Francesa, com sede no Togo. Como Sylvanus Olympio já estava na empresa há mais de 25 anos e vários de seus familiares haviam trabalhado para ela

---

51 Helen Kitchen, “Filling the Togo Vacuum”, *Africa Report*, v. 8 (1963), p. 7; “Olympio Doomed by Own Letter”, *New York Times*, 22 jan. 1963; Kenneth W. Grundy, “The Negative Image of Africa’s Military”, *The Review of Politics*, v. 30, n. 4 (1968), p. 437 ; JFK Archives, Togo General, Caixa 165, Airgram de Poullada para o Secretary of State; Kouzan and Tsigbe, *Nicolas Grunitzky (1913-1969)*, p. 61, citado de *Marchés Tropicaux*, 19 jan. 1963.

por muito tempo, decidiu-se que seria melhor transferi-lo para a Europa, para removê-lo do Togo. Dessa forma, suas atividades políticas seriam interrompidas. Em vez de aceitar a transferência, Olympio renunciou ao cargo. No final, os franceses não ficaram satisfeitos com a falta de resultados de sua campanha de pressão contra Olympio e, além disso, ficaram convencidos de que ele era, na verdade, um agente britânico.<sup>52</sup>

Outro exemplo de como Olympio não era muito apreciado pelos franceses foram as declarações dadas pelo general Charles de Gaulle quando de seu assassinato:

Pobre Sylvanus Olympio, ele era inteligente. [...] Ele era um homem da Unilever. Ele confiava nos ingleses. Ele havia desenvolvido uma oposição à França. Uma vez no poder, ele se voltou contra nós [...], naturalmente ele foi punido por seus pecados. Ao contrário de todas as outras repúblicas africanas [que foram colonizadas pelos franceses], ele acreditava que seria muito melhor [para o Togo] sem os franceses. Se as tropas francesas estivessem lá, ele ainda estaria no poder e vivo.

Embora seja possível que a declaração sinistra “ele foi punido por seus pecados” não tivesse nenhum significado oculto, ela ainda demonstra o quanto de Gaulle desgostava de Olympio, a ponto de considerar sua morte como uma punição justa por ousar desafiar a França.<sup>53</sup>

Para dois ministros do governo Olympio que foram para o exílio imediatamente após o golpe, não havia dúvida de que os franceses e o governo de Gana estavam envolvidos no assassinato. Théophile Mally, ministro do Interior, e Paulin Akoueté, ministro do Trabalho, Assuntos Sociais e Serviço Civil e Ministro da Justiça de Togo, enviaram um telegrama ao Secretário-Geral das Nações Unidas, U Thant, em 31 de janeiro de 1963, no qual afirmavam que “influências estrangeiras foram [a]

52 Relatório nº 67/APA, de 13 set. 1946, do Governador J. Noutary, assinado por P. Pauc, pp. 4-5, Arquivo Nacional Francês, caixa 3279, citado em Tété-Adjalo, *Histoire du Togo*, pp. 104-105; David K. Fieldhouse, “British Merchants and French Decolonization”, in Charles R. Ageron e Marc Michel (ed.), *L’Afrique noire française: l’heures des Indépendences* (Paris: CNRS Éditions, 1992), pp. 491-492.

53 Tété-Adjalo, *Histoire du Togo*, pp. 338-339, citado de Alain Peyrefitte, *C’était de Gaulle*, Paris: Fayard, 1977.

causa do assassinato”. Mais especificamente, eles acusaram o embaixador francês Mazoyer e o comandante da polícia togolesa, Georges Maitrier, como “cúmplices” no golpe, juntamente com o presidente Kwame Nkrumah, de Gana, que, segundo Mally e Akoueté, financiou o golpe e forneceu armas aos revoltosos.<sup>54</sup>

Se os franceses desprezavam Olympio, ele, por sua vez, os havia menosprezado e desafiado de muitas maneiras e por um longo tempo. Em 1953, durante a luta pela independência de Togo, Olympio expressou abertamente sua opinião de que o país não deveria permanecer dentro da proposta União Francesa para as colônias africanas que iriam ganhar independência da França. Mais tarde, Olympio quis construir um porto em Lomé, e pediu ajuda financeira da França. O pedido foi negado porque esse porto no Togo iria competir com o construído pelos franceses em Cotonou, no vizinho Daomé. Olympio foi em frente com sua proposta e obteve financiamento da Alemanha, a antiga potência colonial, para construí-lo. Com a intenção de iniciar a industrialização do país, Olympio foi de novo em busca de ajuda na Alemanha para instalar uma fábrica têxtil e uma cervejaria no Togo. A cervejaria foi particularmente bem-sucedida e, no primeiro ano de operação, já distribuía dividendos ao governo do Togo, que detinha 25% das ações.

Outro ponto de discórdia com o governo francês era o desejo de Olympio de criar uma moeda nacional e deixar de usar o *Franc CFA* (Franco Centro-Africano), a moeda criada pelos franceses para uso em suas antigas colônias na África Ocidental. Esse passo era importante para o desenvolvimento e o controle das exportações de produtos togoleses fora da zona de influência francesa. E mais: era uma maneira do país se desligar do passado colonial e criar uma economia própria e forte. Os britânicos venceram a licitação para fabricar o novo dinheiro togolês, denominado *Franc Togolais* (Franco Togolês), e o *Bundesbank* alemão (Banco Federal

---



54 United Nations Archives and Records Management (New York), Item S-0884-0021-11-00001-Togo, Secretary-General U Thant (1961-1971), Political Matters-County Files-Togo, Cabograma de ministros togoleses no exílio (Lagos) para U Thant, Secretário Geral das Nações Unidas, Nova York, 31 jan. 1963, [↗](#).

Alemão) concordou em garantir a nova denominação monetária. O acordo entre o *Banque de France* (Banco da França) e o governo togolês para deixar de usar o *Franc CFA* deveria ter sido assinado em 15 de janeiro de 1963, dois dias após o assassinato de Olympio.<sup>55</sup>

Apesar de todas as pistas de que os franceses poderiam estar por trás do assassinato de Olympio, nenhuma prova concreta foi encontrada até hoje. Pesquisas recentes sobre os registros disponíveis não concluíram que os franceses estivessem por trás do golpe. Além disso, o governo ganês de Kwame Nkrumah, que discordava constantemente de Sylvanus Olympio quanto à demarcação das fronteiras entre os dois países e a uma possível fusão política, também parece não ter estado por trás do assassinato. No entanto, é preciso lembrar que, como explicou um ex-membro do serviço secreto francês, “esse tipo de decisão nunca é arquivado em notas escritas”.<sup>56</sup>

Ainda em 2021, a família Olympio, representada por Jean-Sylvanus Olympio, sobrinho do presidente assassinado, buscou obter informações do *Centre des Archives Diplomatiques* (Centro de Arquivos Diplomáticos), em Nantes, França, sobre o assassinato de Sylvanus Olympio. A família declarou, na época, que havia “numerosas áreas obscuras” na narrativa dos eventos que eles queriam esclarecer. Em 2023, William Woll, o advogado francês encarregado de obter o material de arquivo, deu uma entrevista na

---

55 Sylvanus E. Olympio, “Quest for Liberty: An African Speaks”, *The Nation*, 26 dez. 1953, p. 562-563; Robin Frisch, “Sylvanus Olympio, The Franc CFA, and His Quest for Monetary Sovereignty (1958-1963)” in Emmanuel Droit, Anne Kwaschik e Silke Mende (orgs.), *France, Allemagne, Afrique / Frankreich, Deutschland, Afrika = Représentations, transferts, relations / Repräsentationen, Transfers, Beziehungen* (Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2024), pp. 83-84, 95, ; Olympio, “Togo: Problems and Progress”, p. 7; Pascal Krop, *Le génocide franco-africain: faut-il juger les Mitterrand?*, Paris: Éditions Jean-Claude Lattès, 1994, p. 113; “Assassinat de Sylvanus Olympio monsieur X raconte...”; Tété-Adjalo, *Histoire du Togo*, p. 176. Para uma discussão da atitude independente de Sylvanus Olympio para com a França, ver Migani Guia, “La CEE ou la France, l'impossible choix de Sylvanus Olympio, président du Togo”, *Matériaux pour l'histoire de notre temps*, v. 77 (2005), pp. 25-31, ; Agbeve e Blanco, “Sylvanus Olympio à Nicolas Grunitzky au Togo”.

56 “Assassinat de Sylvanus Olympio monsieur X raconte...”; Kate Skinner, “West Africa’s First Coup: Neo Colonial and Pan African Projects in Togo’s ‘Shadow Archives’”, *African Studies Review*, n. 63, v. 2 (2019), pp. 375-398, .

qual declarou que os documentos por ele obtidos totalizavam 2000 páginas e que não indicavam que a França estivesse por trás do assassinato de Olympio. Na verdade, Woll declarou que, de acordo com a documentação, os diplomatas franceses em Lomé foram tomados completamente de surpresa pelos eventos.<sup>57</sup>

## As consequências do assassinato de Sylvanus Olympio

O que é certo é que o assassinato de Olympio não foi, como os historiadores tão apropriadamente colocam, “esquecido ou perdoado” por seus filhos. O funesto evento iria influenciar a vida política de Togo por um longo período. Os filhos de Olympio, principalmente Gilchrist e Bonito Olympio, estiveram envolvidos, junto com a elite afro-brasileira togolesa exilada, em várias tentativas para derrubar Gnassingbé Eyadéma, que havia assumido o cargo de presidente do Togo em 1967.

Em 1977, Gilchrist Olympio, em colaboração com membros da família de Souza, uma das mais importantes famílias afro-brasileiras do Togo, esteve por trás de um complô para assassinar Eyadéma. O complô foi frustrado pelo governo britânico, que informou o governo togolês. Os britânicos tiveram a ajuda dos Estados Unidos para obter essa informação. Em 1986, Gilchrist Olympio esteve novamente por trás de uma conspiração para matar Eyadéma, a qual também falhou. Nesse caso, Gilchrist Olympio foi condenado à morte à revelia, por ter fugido do país.<sup>58</sup>

Muitos afro-brasileiros do Togo foram para o exílio após o golpe de 1963. Gilchrist Olympio só retornou após 25 anos. Em julho de 1991, em meio à *Conférence Nationale Souveraine* (Conferência Nacional Soberana), que tentou liberalizar o regime de Eyadéma, Gilchrist retornou a Lomé e foi recebido por multidões de simpatizantes. No entanto, em 5 de maio de 1992,

---

57 Fanny Pigeaud, “Family of Slain Togo President Seek France’s Help to Solve Assassination Mystery”, *Mediapart*, [🔗](#); “Déclassification des archives sur l’assassinat de Sylvanus Olympio: Me William Woll se confie dans une interview exclusive”, [🔗](#).

58 Seely e Decalo, *Historical Dictionary of Togo*, pp. 126, 163, 292.

enquanto fazia campanha para as eleições presidenciais que logo ocorreriam no Togo, ele quase morreu em uma tentativa de assassinato, quando 11 balas o feriram. Ele foi evacuado para o Benin, onde foi operado pela primeira vez, e depois para Paris, via Niamey, Níger. Em Paris, foi levado para o Hospital Val-De-Grâce para tratamento. Ele se recuperou lentamente de seus ferimentos durante os seis meses seguintes.<sup>59</sup>

Pelo menos um outro descendente de Francisco Olympio pagou um alto preço por causa de sua política: Tavio Tobias Ayao Amorin. Ele também retornou ao Togo em 1991, após a anistia conferida naquela época, numa tentativa de participar da vida política do país. Em 23 de julho de 1992, enquanto esperava uma carona numa rua de Lomé após visitar um parente, foi gravemente ferido por dois agressores desconhecidos portando submetralhadoras e recebeu também facadas. Tavio Tobias foi levado, primeiramente, para um hospital local, e depois evacuado, por via aérea, para tratamento médico em Paris, mas morreu quatro dias depois. Ele tinha apenas 34 anos e deixou esposa e um filho de um ano.<sup>60</sup>

Nascido em Lomé em 20 de novembro de 1958, Tavio era filho de Carlos Amorin e Adolé Goeh-Akué, neto de João Jeronimo Amorin, bisneto de Alvez e Laurinda Olympio Amorin e tataraneto de Francisco Olympio. Ele foi educado nas escolas locais antes de buscar refúgio na França, na década de 1980. Lá, estudou matemática e física na Universidade de Poitiers. Na época de seu assassinato, era o líder do *Parti Socialiste Pan-Africain* (Partido Socialista Pan-Africano). Ele também participou da tentativa, que não teve sucesso, de instaurar a democracia e o estado de direito no Togo.<sup>61</sup>

---

59 Mark Huband, “The Iron Hand Rusts”, *Africa Report*, n. 36 (1991), pp. 18-20; Seely & Decalo, *Historical Dictionary of Togo*, pp. 53-54, 117-118, 291-292; Philippe David, *Togo 1990-1994 ou le droit maladroît: chronique d’un effort de transition démocratique*, Paris: Khartala, 2015, p. 264; Carta de Bebi Olympio, 3 maio 1996; Jean Yaovi Degli, *Togo: les espoirs déçus d’un peuple*, Ivry-sur-Seine: Éditions Nouvelles du Sud, 1996, pp. 125-126; “Tavio Amorin: Human Rights Defender”, Amnesty International, julho de 1999, AFR 57/2099, [E](#).

60 David, *Togo 1990-1994*, pp. 279-280; “Tavio Amorin: Human Rights Defender”.

61 Carta de Bebi Olympio, 3 maio 1996; Degli, *Togo*, pp. 125-126, “Tavio Amorin: Human Rights Defender”; Seely e Decalo, *Historical Dictionary of Togo*, pp. 53-54.

A perseguição política aos afro-brasileiros no Togo continuou até bem recentemente. Em 2006, a autora deste artigo serviu como testemunha especialista, preparando uma declaração juramentada para ajudar um membro da família de Souza que buscava asilo político nos Estados Unidos devido à perseguição política do governo do Togo.

Gilchrist Olympio não foi autorizado a competir nas eleições de 1993, quando era considerado o político mais popular e influente do Togo. Ele foi o vencedor aparente da eleição presidencial de 1998, mas a contagem de votos foi interrompida, e Eyadéma foi declarado o vencedor. Gilchrist não concorreu nas eleições de 2005 e 2010. Seu partido, *Union des Forces pour le Changement* (UFC) (União das Forças para a Mudança), ficou dividido quando Gilchrist concordou com o presidente Fauré Gnassingbé – que havia tomado o poder depois que seu pai, Gnassingbé Eyadéma, faleceu, em 2005 – em compartilhar o poder em um governo de unidade nacional, em 2010.<sup>62</sup>

Em 26 de abril de 2017, Gilchrist Olympio inaugurou uma exposição, organizada pela embaixada norte-americana em Lomé, para celebrar a visita de seu pai, Sylvanus Olympio, aos Estados Unidos, em 1962. A intenção declarada da embaixada ao criar essa exposição era promover a abertura política no Togo. Gilchrist presidiu o corte da fita inaugural com seu antigo rival, o presidente Fauré Gnassingbé. De acordo com o relatório da embaixada, o público de mais de 300 pessoas “aplaudiu, e alguns até choraram quando os dois antigos rivais se abraçaram”. A exposição foi um dos muitos eventos que celebraram os 57 anos da independência do Togo. Em novembro do mesmo ano, Gilchrist Olympio se aposentou da política togolesa. No entanto, em 12 de agosto de 2023, foi novamente eleito líder do UFC no final do congresso do partido.<sup>63</sup>

---

62 Seely e Decalo, *Historical Dictionary of Togo*, pp. 166, 291-294.

63 “Le Togo dans la fièvre de la célébration du 57-ème anniversaire de son indépendance”, *La Voix de la Nation*, ☒; “Togo/Gilchrist Olympio annonce sa retraite politique et fait des propositions à Faure Gnassingbé”, *La Voix de la Nation*, ☒; Edmond D’Almeida, “Togo: Gilchrist Olympio se retire de la vie politique et demande à Faure Gnassingbé de ne pas représenter”, *Jeune Afrique*, 17 nov. 2017, ☒; “Gilchrist Olympio reappointed as party leader, Elliott Ohin dismissed”, ☒.

**Figura 7: Presidente John F. Kennedy, dos Estados Unidos, e Presidente Sylvanus Olympio, do Togo. Visita a Washington, D.C., em 20 de março de 1962**



Em 2017, Gilchrist Olympio e Fauré Gnassingbé inauguraram uma exposição na Embaixada Americana do Togo para celebrar a visita de Sylvanus Olympio aos Estados Unidos 55 anos antes. Fonte: Fotografia de Abbie Rowe, John F. Kennedy Presidential Library and Museum, Boston, Massachusetts, JFKWHP-AR7109-K

Hoje, ser de ascendência afro-brasileira no Togo é tanto uma vantagem quanto uma desventura. Devido aos seus primeiros sucessos econômicos e educacionais, a comunidade permaneceu por muito tempo nos altos escalões do governo, do comércio, da indústria e da educação do país. Ainda assim, ela não mais ocupa um lugar destacado na sociedade togolesa. No entanto, é historicamente interessante estudar a vida de Sylvanus Olympio, o político de ascendência afro-brasileira que foi o primeiro presidente do país, porque sua ascensão representou um momento de grande glória para aquela comunidade, assim como sua queda

decretou o considerável esvaziamento da influência dos afro-brasileiros na vida daquele país.

---

*Recebido em 16 jan. 2025*

*Aceito em 11 nov. 2025*

---

doi: 10.9771/aa.v0i72.65516

Sylvanus Epiphanio Kwami Olympio nasceu em 6 de setembro de 1902, em Kpandu, uma cidade localizada na colônia alemã do Togo na época de seu nascimento, mas que foi transferida para Costa do Ouro (mais tarde Gana), uma colônia inglesa. Sylvanus era o mais velho dos trinta filhos de Epiphanio Elpidio Olympio, que por sua vez era filho de Francisco Olympio da Silva, o fundador da família Olympio na África. Sylvanus Olympio foi o primeiro presidente do Togo após o país conquistar a independência da França em 1961. Este artigo tem como objetivo fornecer uma introdução à história da família Olympio na África Ocidental e examinar a vida profissional e política de Sylvanus Olympio, que o levou a uma posição de liderança no Togo quando este era uma colônia francesa. Também discutirá seu assassinato em 13 de janeiro de 1963 e suas consequências.

Sylvanus Olympio | Togo | Afro-Brasileiros no Togo | África Ocidental.

### ***SYLVANUS OLYMPIO: A DESCENDANT OF AFRO-BRAZILIANS AND THE FIRST PRESIDENT OF TOGO***

*Sylvanus Epiphanio Kwami Olympio was born on September 6, 1902, in Kpandu, a town located in the German colony of Togo at the time of his birth, but which was later transferred to the Gold Coast (later Ghana), an English colony. Sylvanus was the eldest of thirty children born to his father, Epiphanio Francisco Olympio, who in turn was the son of Francisco Olympio da Silva, the founder of the Olympio family in Africa. Sylvanus Olympio was the first president of Togo after the country gained independence from France in 1961. This article provides an introduction to the history of the Olympio family in West Africa. It examines the professional and political life of Sylvanus Olympio, who rose to leadership in Togo when it was a French colony. It will also discuss his assassination on January 13, 1963, and its aftermath.*

Sylvanus Olympio | Togo | Afro-Brazilians in Togo | West Africa